

Traços do agressor: retratados pela mulher vítima de violência doméstica

Traits of the aggressor: portrayed by the woman victim of domestic violence

Rasgos del agresor: retratado por la mujer víctima de la violencia doméstica

Gabriele Soares da Silva¹, Leila Batista Ribeiro², Anna Júlia Veras de Lima³, Lauren Canabarro Barrios Salles⁴, Cristiane Machado do Vale de Andrade⁵
Camila Cintia Curcio de Oliveira⁶, Taynara Câmara Lopes Dantas⁷, Danilo César Silva Lima⁸

Como citar: Silva GS, Ribeiro LB, Lima AJV, Salles LCB, Andrade CMV, Oliveira CCC, et al. Traços do agressor: retratados pela mulher vítima de violência doméstica. REVISA. 2021; 10(Esp.2): 858-70. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v10.nEsp2.p858a870>

REVISA

1. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9534-1403>

2. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6399-6966>

3. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8937-5930>

4. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4659-5958>

5. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1719-0990>

6. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7740-5370>

7. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0205-3996>

8. Faculdade do Instituto Brasil de Ciência e Tecnologia. Anápolis, Goiás, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4655-1812>

Recebido: 12/07/2021

Aprovado: 19/09/2021

RESUMO

Objetivo: descrever os traços do agressor retratados pela mulher vítima de violência doméstica. E como objetivos específicos elucidar o período, bem como o momento em que as agressões contra a mulher se iniciam; analisar o comportamento do agressor após a agressão. **Método:** Este estudo seguiu uma abordagem qualitativa e um método descritivo, por meio dos pressupostos de Ludke e Andre. As participantes foram abordadas por meio de convite, durante as rodas de conversa que acontecem online por meio do Instituto MATRIUSCA. Após manifestação de interesse em participar do estudo, as entrevistas foram realizadas por meio de questionário aberto no aplicativo Zoom Meetings. **Resultados:** Foram entrevistadas 10 mulheres com idade entre 18 e 42 anos, que responderam questões referentes ao perfil de seus agressores e seus hábitos sob sua perspectiva. Os resultados encontrados foram divididos em 06 categorias, que abordaram o perfil das ações dos agressores sob a perspectiva da vítima. **Conclusão:** Por meio deste estudo a enfermagem poderá conhecer um pouco mais sobre os indivíduos que praticam violência contra a mulher, podendo assim identificar precocemente famílias que estão propensas a sofrer em seu núcleo, violência contra a mulher. **Descritores:** Violência contra a mulher; Agressor; Violência doméstica.

ABSTRACT

Objective: to describe the traits of the aggressor portrayed by the woman victim of domestic violence. And as specific objectives to elucidate the period, as well as the moment when aggressions against women start; analyze the aggressor's behavior after the aggression. **Method:** This study followed a qualitative approach and a descriptive method, through the assumptions of Ludke and Andre. Participants were approached by invitation, during conversation circles that take place online through the MATRIUSCA Institute. After expressing interest in participating in the study, interviews were conducted through an open questionnaire in the Zoom Meetings application. **Results:** 10 women aged between 18 and 42 years were interviewed, who answered questions regarding the profile of their aggressors and their habits from their perspective. The results found were divided into 06 categories, which addressed the profile of the aggressors' actions from the perspective of the victim. **Conclusion:** Through this study, nursing will be able to know a little more about individuals who practice violence against women, thus being able to identify early families that are likely to suffer at its core, violence against women. **Descriptors:** Violence against women; Aggressor; Domestic violence.

RESUMEN

Objetivo: describir los rasgos del agresor retratados por la mujer víctima de violencia intrafamiliar. Y como objetivos específicos para dilucidar el período, así como el momento en que se inician las agresiones contra las mujeres; Analizar el comportamiento del agresor después de la agresión. **Método:** Este estudio siguió un enfoque cualitativo y un método descriptivo, a través de los supuestos de Ludke y Andre. Los participantes fueron abordados por invitación, durante los círculos de conversación que se realizan en línea a través del Instituto MATRIUSCA. Tras manifestar interés en participar en el estudio, se realizaron entrevistas a través de un cuestionario abierto en la aplicación Zoom Meetings. **Resultados:** se entrevistó a 10 mujeres de entre 18 y 42 años, quienes respondieron preguntas sobre el perfil de sus agresores y sus hábitos desde su perspectiva. Los resultados encontrados se dividieron en 06 categorías, las cuales abordaron el perfil de las acciones de los agresores desde la perspectiva de la víctima. **Conclusión:** A través de este estudio, la enfermería podrá conocer un poco más sobre las personas que practican la violencia contra la mujer, pudiendo así identificar a las primeras familias que probablemente sufrirán en su núcleo, la violencia contra la mujer. **Descriptor:** La violencia contra las mujeres; Agressor; La violencia doméstica.

Introdução

A violência é considerada toda e qualquer ameaça que atinge de alguma forma a integridade e a forma como o indivíduo a constrói. Existem diversos tipos de violências contra a mulher: violência física, violência sexual, violência psicológica, violência patrimonial e violência moral. Os maiores casos de violência contra a mulher são de parceiros contra as mulheres, muitas vezes dentro de suas residências, também podemos considerar os casos de estupros que são feitos em esfera pública. Em 2019 cerca de 266.310 mulheres foram agredidas no Brasil no contexto de violência doméstica. A cada 2 minutos 1 mulher é agredida dentro de sua casa ou por membros de sua família, o número é 5,2% maior que comparado ao ano de 2018.¹

A ideia de submissão que a mulher sofre diante do homem é um dos motivos pelos quais as violências ocorrem. A vítima destas violências por ter diversos traumas e doenças como: ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e suicídio. A violência física na qual consiste em todo e qualquer ato que visa reprimir a mulher através da força física, podendo acontecer socos e espancamentos e a violência sexual que é aquela em que ocorrem atos ou tentativas de relação sexual sem o consentimento da mulher são as mais visíveis e as mais conhecidas quando comparadas com os outros tipos de violência.²

Segundo especialistas os homens que praticam violência contra a mulher não possuem um perfil chamativo, geralmente são cidadãos comuns, trabalhadores, homens considerados figuras do bem, que muitas vezes as pessoas que convivem próximo não acreditam que ele pratique tais delitos e a própria vítima antes das agressões acontecerem não identifica nenhum comportamento irregular. Alguns comportamentos como interferir no modo de vestir da companheira, ato de controlar as redes sociais, humilhar e xingar a companheira, possessividade e interferências nas relações sociais, são comportamentos que devem despertar atenção para um possível perfil de um transgressor.³

Atualmente com a violência doméstica impregnada na sociedade é difícil reconhecê-la em muitos casos, mas para combatê-la foi criada a Lei 11.340 também conhecida como Lei Maria da Penha que é uma lei criada para combater a violência contra a mulher, esta lei foi criada por Maria da Penha Maia Fernandes em 1983 após levar um tiro de espingarda e quase ter sido morta eletrocutada enquanto tomava banho. A Lei Maria da Penha foi aprovada somente em 2006, e possui como principais consequências para o agressor: afastamento do lar ou domicílio da vítima, proibição de se aproximar da vítima e de seus familiares, proibição do contato com a vítima e seus familiares, frequência de determinados lugares e suspensão da posse ou porte de armas.¹

Diante do exposto este estudo propõe os seguintes questionamentos os seguintes questionamentos de pesquisa: o agressor tem traços que podem ser descritos pela a mulher? As agressões começam a partir de que momento? Que comportamento e hábitos tem o agressor dentro do relacionamento? De que maneira o agressor se comporta após o episódio de violência?

Este estudo é importante, pois poderá instrumentalizar profissionais não só da área de Enfermagem, mas tantos outros que prestam atendimento às mulheres vítimas de violência. Sabe-se que em casos de violências a vítima sente-se vulnerável a qualquer tipo de acontecimento por isso é necessário que tenha uma equipe integrada para realizar escuta ativa para com essa paciente e o mais importante; é necessário que se tenha um acolhimento humanizado para que assim sejam criados laços de confiança entre a mulher e o profissional.

Ainda, este estudo poderá estimular novas pesquisas e assim gerar um melhor entendimento sobre como e quando a violência inicia, que hábitos em comum tem esses agressores e conseqüentemente auxiliar o profissional para diagnósticos precoces quando em consulta a essa mulher vítima de violência.

Nesse sentido, tem-se por objetivo descrever os traços do agressor retratados pela mulher vítima da violência doméstica. E como objetivos específicos foram: conhecer o momento em que as agressões contra a mulher iniciam; elucidar os hábitos do agressor dentro do relacionamento e revelar a forma que o agressor se comporta após a violência.

Método

Esta pesquisa foi fundamentada nos princípios de Ludke e Andre⁴ utilizando-se da abordagem qualitativa e método descritivo.

Como princípios éticos utilizou-se a resolução 510/16 na qual abarca princípios como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, visa assegurar os direitos e deveres que envolvem os participantes da pesquisa, à comunidade e ao Estado.

Os dados coletados na pesquisa tiveram início a partir da autorização pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) que de acordo com as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - (Res. CNS 466/1, II.4), "toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa". A Pesquisa foi iniciada somente após a aprovação emitida no parecer substanciado no CEP nº 4.937.326. A pesquisa obedeceu a todos os critérios de fidedignidade, confidencialidade e sigilo e ainda, as entrevistadas tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios aleatoriamente como forma de garantir o anonimato.

A pesquisa foi realizada através de rodas de conversas que aconteceram por meio do Instituto MATRIUSCA, localizado em Brasília/DF. Este estudo foi realizado por meio do aplicativo Zoom Meetings, pois devido à pandemia do COVID-19 os encontros estavam sendo feitos de forma on-line.

Após a Autorização do CEP, foi realizado contato com as participantes através do aplicativo Zoom Meetings e o convite para a

participação da pesquisa. Após o aceite do convite as entrevistadas receberam via Google Forms o TCLE em duas vias para que fosse autorizado pelas mesmas.

As participantes da pesquisa foram mulheres que vivem ou viveram situações de violência em casa. O estudo foi composto de 10 (dez) mulheres entrevistadas que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: Ter idade igual ou superior a 18 anos, ter acesso ao aplicativo Zoom Meetings, estar disposta a participar da pesquisa, se sentir à vontade em responder às perguntas propostas, gozar de plena saúde mental, ou seja, mulheres que apresentam plenas condições e capacidades cognitivas, que estejam orientadas em tempo e espaço.

A entrevista se deu mediante aplicação de um questionário previamente elaborado, com 20 questões. Toda a entrevista foi gravada no aplicativo Zoom Meetings e posteriormente os dados obtidos foram transcritos sigilosamente.

Resultados e Discussão

Os resultados para esta pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com 10 mulheres que receberam nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente a fim de preservar o anonimato. Os nomes escolhidos foram: rosa, violeta, laranja, amarelo, vermelha, marrom, preta, branca, cinza, turquesa. O perfil das entrevistadas está apresentado nas Figuras 1, 2, 3 e 4.

Figura 1 – Idade das entrevistadas. Distrito Federal, 2021.

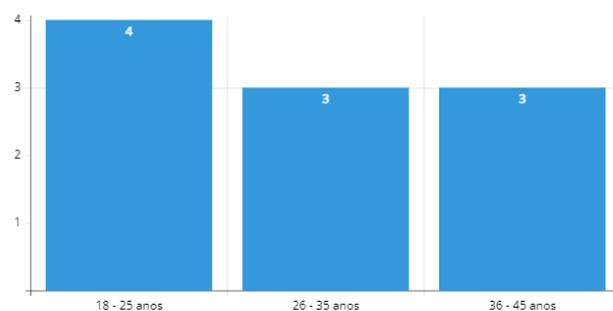


Figura 2 - Grau de escolaridade das entrevistadas. Distrito Federal, 2021.

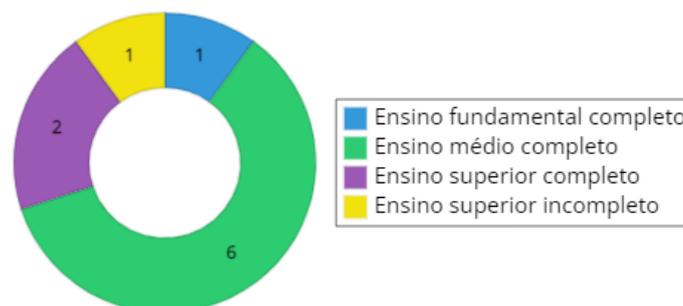


Figura 3 – Profissão das entrevistadas.

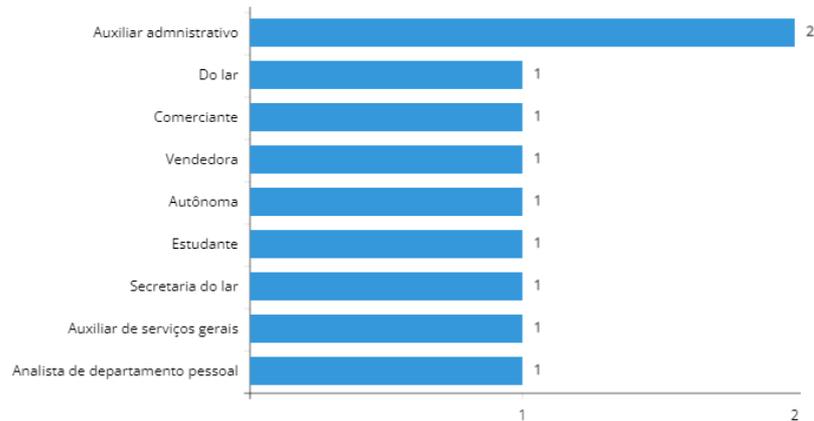
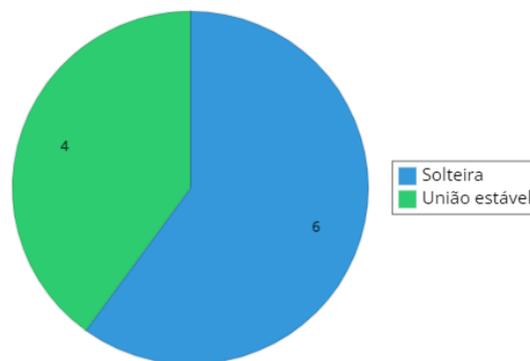


Figura 4 – Estado civil das entrevistadas.



Observa-se, acima, o predomínio de participantes com 18 a 25 anos de idade, solteiras, com ensino médio completo e que atuam como auxiliar administrativo. Para que os dados coletados fossem analisados foram separadas 06 categorias que estão descritas a seguir.

Mudança de Comportamento do Agressor

Nesta categoria as entrevistadas relataram sobre a mudança de comportamento do agressor antes das agressões em algum momento e algumas relataram quando ocorreu ou ocorre a mudança.

Sim (ROSA)

Sim (MARROM)

Sim (VIOLETA)

Sim. Quando algo incomodava ele, sim. Às vezes eu nem entendia o porque dele tá tão furioso (TURQUESA)

Sim, principalmente quando ele bebe. Fica descontrolado (LARANJA)

No começo do nosso namoro ele era carinhoso, me respeitava, mas depois do nosso 3º filho ele começou a me agredir com ofensas [...] (BRANCA)

Sim (CINZA)

Sim (AMARELA)

Por meio dos relatos das entrevistadas é possível notar que a maioria dos agressores tem mudanças de comportamento. Antes das agressões os autores costumam a ter mudança de comportamento e estado de ânimo, onde começam a ficar irritados com as vítimas por motivos insignificantes e podem chegar a ter até acessos de raiva, com simples agressões verbais ou até tensões maiores.⁵

Muitos outros estudos associam o álcool como um dos motivos para a mudança de comportamento acontecer, o consumo exacerbado de álcool leva e uma alteração de ânimo e conseqüentemente essa alteração pode levar ao ato de violência.⁶

Dependência Etílica e de Drogas Ilícitas

Nesta categoria todas as entrevistadas relataram que seus companheiros têm dependência etílica e algumas ainda citam uso de drogas ilícitas, conforme a seguir:

Sim (ROSA)

Ele bebe constantemente e não duvido nada que use drogas também. (MARRROM)

Ele bebe constantemente e também usa drogas (VIOLETA)

Ele bebe sim, mas as agressões não eram porque ele bebia e ficava agressivo não. Eu não considero essa questão de que ele bebia e me agredia por conta da bebida, mas sim porque ele dizia que eu irritava ele (TURQUESA)

Sim (VERMELHA)

[...] Não era constante, ele bebia só de vez em quando, mas nos últimos meses está sendo diariamente, virou costume chegar em casa bêbado [...] (LARANJA)

Sim. Ele bebe pinga e usa cocaína (BRANCA)

Sim. Ele bebe todos os dias quando sai do trabalho (CINZA)

Sim, bebe bebida alcoólica e uma vez presenciei ele usando cocaína (PRETA)

Sim. Bebida alcoólica e usava maconha. (AMARELA)

Os motivos que levam a prática da violência são vários, desde o uso de drogas, a raiva, ignorância, demonstração de extremo poder e, principalmente a ingestão de bebidas alcoólicas.⁷ O uso abusivo de álcool e outras drogas, associados a outras pequenas frustrações da vida diária da vida conjugal, contribuem para aparição de condutas violentas, no geral as drogas e o álcool associados foram um coquetel explosivo. Além disso, homens que abusam dessas substâncias tem uma probabilidade maior de exercer maus tratos contra suas mulheres do que os que não consomem essas substâncias.⁸

Forçamento de relações sexuais

Nesta categoria as entrevistadas relataram sobre as ameaças e coação por parte do agressor para que relações sexuais sejam mantidas a força.

Sim (VIOLETA)

Sim, utilizando a força física e me ameaça caso eu não faça (VERMELHA)

Sempre. Desde o começo do namoro (BRANCA)

Sim. Quando brigávamos ele dizia que eu tinha que agradá-lo com o sexo para que nós pudéssemos ficar em paz depois (PRETA)

A vítima de violência sexual está disposta a diferentes riscos que comprometem sua saúde física e mental.⁹ As consequências da violência sexual são múltiplas, e seus efeitos físicos e psicológicos podem ser devastadores e duradouros.¹⁰

De acordo com o relato das entrevistadas pode-se entender que a maioria sofre estupro conjugal. O estupro marital ou conjugal é quando ocorre infringência sexual contra um dos parceiros, mesmo dentro de um relacionamento. O tipo mais comum é forçar relação sexual por meio de ameaça ou violência, mas também pode ser forçar o sexo com a vítima dormindo, inconsciente, embriagada ou sob efeito de remédios. Na sociedade é difícil a vítima perceber que está sendo vítima desse tipo de estupro, pois é comum que o sexo seja realizado sem que haja consentimento mútuo e muitas vezes existe a cultura que que o homem pode desfrutar do corpo de seu cônjuge como bem entender, mas qualquer relação sem consentimento é considerada estupro.¹¹

As motivações para tal comportamento dos agressores, podem ser as naturalizadas do gênero, como honra, vingança, prestígio, heterossexismo e prerrogatória de chefia e mando.¹²

Chantagem emocional

Nesta categoria as entrevistadas relataram sobre as vezes em que eram vítimas de chantagem emocional e como cediam a tal atitude.

Sim. Eu sempre cedo porque vivo com medo dentro de casa de dizer não a alguma coisa que ele quer e ele me agredir mais forte ou até mesmo me matar (VIOLETA)

Tinham sim as chantagens, mas eu nunca cedia de primeira a elas, eu sempre pensava comigo “será que o problema sou eu?” “será que eu que estou pegando demais no pé e sufocando ele?” (TURQUESA)

Quando elas acontecem eu sou obrigada a ceder, sou obrigada a fazer as vontades dele porque eu tenho medo do que ele pode fazer comigo, além de me bater (VERMELHA)

[...] sim, ele dizia “eu não posso viver sem você” e sempre vinha com um pedido de desculpas, dizendo que ia mudar, mas sempre repetia tudo. Hoje em dia ele ainda uma vez ou outra diz que vai mudar, que

isso foi porque ele cheirou muito e que não vai mais acontecer (BRANCA)

Sim. Ele sempre diz que todas as brigas/agressões são porque ele teve algum problema no trabalho e descontou em mim e que isso não vai mais acontecer, que ele estava estressado e precisar relaxar e que eu poderia ter relação com ele para que ele ficasse calmo ou que eu poderia fazer uma comida diferente para ele comer porque estava cansado da mesma comida de sempre... (CINZA)

Sempre me dando presentes, me levando para comer num lugar diferente, sempre dizendo que me amava e que era capaz de tudo por mim. Sempre depois de uma briga ou agressão ele me comprava com presentes, flores, palavras... (PRETA)

Quando contei que estava grávida e apanhei logo em seguida, ele começou a dizer que tinha me batido porque na hora ficou apavorado com a notícia, que tinha medo de não ser um bom pai, saiu para comprar um lanche para nós dois e eu o desculpei porque achei que eu tinha contado de uma forma muito rápida e poderia ter esperado mais um tempo (AMARELA)

Por meio dos relatos das entrevistadas é possível notar a chantagem de seus agressores. Os tipos de chantagem são os mais diversos possíveis, pode-se citar como exemplo a manipulação para prática de relações sexuais, ameaças de suicídio após oposição e resistência da vítima em atendê-lo, chantagem afetiva culpabilizando a vítima.^{9,13}

O período de chantagens ocorre geralmente como a terceira fase do ciclo de agressão, essa fase é conhecida como “lua de mel”, no qual o agressor se torna amável para conseguir reconciliação e começa um perfil de chantagem, alegando para vítima que vai mudar.¹⁴

Assim como no caso da entrevistada, muitas mulheres alegam que a violência teve início após a descoberta da gravidez. A chantagem emocional da gravidez ocorre de várias formas como no estudo de Oliveira e Vianna em que os agressores alegam não ser o pai da criança, não querer a gestação ou tentam colocar culpa da vítima alegando que depois do nascimento a mulher só vai querer a criança.¹⁵

Nesse período é comum que a vítima passe a se culpar por não ter se comportado como deveria, assumindo o mal-estar do chantagista, sentindo-se responsável por “aparentemente” ter infringido algum sofrimento ao chantagista, quando na verdade tal situação foi instalada em sua cabeça, para despertar tais pensamentos.^{9,13}

Comportamento do agressor após as agressões

Nesta categoria as entrevistadas relataram sobre o comportamento do agressor logo após serem agredidas, entre acharem que estavam corretos eles também se passavam por vítimas, conforme relatos a seguir:

Fingia que nada tinha acontecido, me tratava normalmente (ROSA)

Quando teve a agressão eu saí de casa, fui para um hotel com nossos 2 filhos e fiquei lá até o dia seguinte. Fui para a delegacia, registrei o boletim e tive a 1ª medida protetiva (MARROM)

Sim, ele sempre diz que vai mudar e que isso não vai mais acontecer, mas toda vez que acontece piora sabe (VIOLETA)

Por incrível que pareça o meu agressor sempre se fazia de vítima, dizia que eu deixava ele daquele jeito porque eu queria prendê-lo a mim porque eu tava grávida e esperava um filho dele, depois de me bater me fazia me sentir a pior pessoa do mundo e colocava sempre como o santo que nunca fez nada de ruim pra mim. Na cabeça dele as agressões eram comuns, algo que o marido tem que fazer com a mulher para ensinar ela a respeitar ele (TURQUESA)

Sempre com muita falta de respeito, me xinga de “cadela” “vagabunda” e coisas piores. Ele sempre está com raiva, de cara fechada e é uma pessoa que não é muito simpática, sempre está com a cara emburrada dentro de casa (VERMELHA)

O comportamento dele é totalmente diferente de quando ele está bêbado. Quando as agressões começam, ele sempre me insulta com nomes como: feia, gorda, burra e quando termina de falar tudo isso comigo, ele fica no quarto ou na sala e não me dá atenção nenhuma (LARANJA)

É relativo, porque tem vezes que ele me bate e eu fico na minha, de canto, quieta e ele me abraça e diz que isso não vai mais acontecer. E tem vezes que ele me bate e ainda diz “você mereceu apanhar, se falar alguma coisa vai apanhar mais” (BRANCA)

Depois das agressões ele diz que vai mudar e que isso não vai se repetir, mas no outro dia é sempre a mesma coisa, quando não é apanhando é sendo xingada (CINZA)

Logo após as agressões eu sempre dizia que ia embora da casa dele, que não estava mais afim e ele sempre ficava muito assustado com minha reação e sempre chorava me pedindo desculpas, dizia que isso não ia mais acontecer (PRETA)

Me pedia desculpas e dizia que não ia se repetir mais, que estava estressado com a rotina, com a falta de dinheiro também e que eu poderia jurar que as agressões nunca mais iam acontecer (AMARELA)

Nos relatos descritos e na literatura os agressores tentam culpar a vítima pela agressão, ou mesmo chantagear a vítima. A culpabilização da vítima é fruto da sociedade patriarcal e machista, a qual coloca a mulher como figura submissa ao homem. É comum na sociedade quando se houve relatos de violência contra uma mulher, buscar justificativas no comportamento da mulher para tal crime, buscando uma culpa indireta.¹⁶

O medo na fala das entrevistadas é um sentimento que o agressor costuma despertar, ele é decorrente da intimidação, ameaças de agressão e do controle que o agressor tem sobre a vítima. O

sentimento de medo pode gerar isolamento social e afastamento de pessoas próximas.¹⁷

Além da culpabilização da vítima e do medo gerado, observa-se que a maioria das entrevistadas vive o chamado ciclo da violência, que é composto de três fases. Na primeira fase ocorre o aumento da tensão, no qual o agressor mostra-se irritado com pequenas atitudes, na segunda fase ocorre a agressão, onde a explosão do agressor leva ao ato violento, e a terceira fase que é chamada de “lua de mel”, no qual o agressor promete que tais atitudes não vão se repetir e promete mudanças e a vítima aceita. Esse ciclo pode se repetir inúmeras vezes até chegar ao ponto alto, que é o feminicídio.¹⁴

Ameaça de Morte

Nesta categoria as entrevistadas relataram sobre as ameaças de morte que o agressor fazia no momento das agressões.

Sim (ROSA)

Sim, dessa última vez que ele me ligou ele me ofendeu de diversas formas e ainda disse que ia me matar caso eu continuasse nesse relacionamento que estou atualmente. Ele não supera (MARRROM)

Sim, ele sempre me ameaça com faca, na última agressão chegou a cortar meu cabelo e pressionar a ponta da faca no meu órgão genital (VIOLETA)

Sim (VERMELHA)

Sim. Se não me engano há umas 2 semanas atrás que foi quando eu estava comemorando meu aniversário e fui chamada por minhas amigas para comemorar numa pizzaria, eu disse que iria sem ele porque iam só mulheres e ele me disse que quando eu chegasse em casa, talvez fosse meu último aniversário de vida (LARANJA)

Sim (BRANCA)

Sim. Inclusive, quando eu disse que o denunciaria ele me disse que eu não conseguiria me livrar dele, porque ele sempre estaria junto a mim em vida ou em morte (PRETA)

Sim, na última agressão que foi quando eu perdi meu neném. (AMARELA)

Ameaças de morte são muito comuns no contexto de violência doméstica, e o ato executado é chamado feminicídio, que é a fase final do ciclo de violência contra a mulher. A maioria dos homens detidos por agressões contra a mulher são majoritariamente maridos ou companheiros que praticam violências físicas. Uma porção significativa desses homens geralmente foram denunciados anteriormente por violência e a outra não possui registros criminais e é citado como bom cidadão.¹⁸

Os parceiros íntimos são os principais assassinos de mulheres. Estima-se que aproximadamente 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo.¹⁹

As principais motivações para o feminicídio estão o ódio, o desdém e o sentimento de controle sobre as mulheres.²⁰

Em março de 2015 a Lei do Feminicídio entrou em vigor, qualificando penalmente o homicídio de mulheres como crime hediondo, resultando de violência doméstica e familiar ou em razão de discriminação da condição de mulher.²⁰

Considerações Finais

Este estudo atendeu aos objetivos propostos tentando entender por meio de relatos das vítimas, traços de seus agressores exemplificados na forma de agir e comportar-se no dia a dia, bem como seus hábitos em geral.

A enfermagem tem papel fundamental na identificação de mulheres vítimas de violência, visto que, é a categoria que permanece por mais tempo ao lado da mulher e possíveis vítimas. A equipe de enfermagem precisa de capacitação para que possa entender melhor sobre a violência doméstica e seus entraves. Para que também possa reconhecer traços do agressor, podendo assim fazer a identificação precoce de famílias com mulheres que estão vulneráveis ou que sofrem violência doméstica.

Este estudo não pretendeu esgotar o assunto, antes, buscou-se por meio dessa imersão nos dados coletados uma compreensão maior sobre os fatos e acontecimentos que a mulher constantemente narra e confia para a enfermagem rotineiramente dentro dos consultórios.

Há que se pensar que a equipe de enfermagem precisa ser melhor sensibilizada e preparada para que possa intervir no momento certo e nem o poder público pode ficar restrito somente às leis e portarias que cria, mas no endosso da fiscalização e preparação de todos que estão de alguma forma, envolvidos na assistência dessa vítima.

E por fim, este estudo ainda propõe questionamentos outros que não conseguiu contemplar, mas que foram evidenciados e desvelados ao longo das entrevistas. Questionamentos como: que motivos são esses que justificam violentar a pessoa que se diz amar? Que sentimento é esse que justifica ser espancada, perder o filho ainda no ventre e perder a dignidade? Que situação crônica de violência doméstica o agressor e vítimas conseguem manter? Perguntas estas que na maioria das vezes o agressor e essa mesma mulher não sabem responder ou se diz saberem, logo se justificam.

Agradecimento

Essa pesquisa não recebeu financiamento para sua realização.

Referências

1. Tipos de Violência [Internet]. Internet; 2018 Fev 05 [citado 8 Mar 2021]. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>.
2. Melo MT, Teles MAA. O que é violência contra a Mulher. Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 2002. 3-10.
3. Rodrigues MR, Teixeira P. Especialistas traçam perfil de agressores de mulheres; identifique características abusivas em 5 pontos [internet]. G1. Rio de Janeiro, 2019. [acesso 2021 dez 5].

Disponível em: <https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/19/especialistas-tracam-perfil-de-agressores-de-mulheres-identifique-caracteristicas-abusivas-em-5-pontos.ghtml>.

4. Ludke M, Andre M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária; 1986.
 5. Walker L. The battered woman. New York: Harper and How; 1979.
 6. Vasconcelos MS, Holanda VR, Albuquerque TT. Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres. *Cogit. Enferm. (Online)*. 2016; 21(1): 1-10. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v21i1.41960>
 7. Leôncio, KL, Baldo PL, João VM, Biffi RG. O perfil das mulheres vitimizadas e seus agressores. *Rev. enferm. UERJ*. 2008; 16 (3): 302-12.
 8. Tijeras J, Rodríguez, J. & Armenta, M. Teoría y descripción de la violencia Doméstica. Programa terapéutico para Maltratadores del ámbito familiar en el Centro penitenciario de Pamplona. *An Psicol Jurídica*. 2005; 15:67-95.
 9. Sadock BS, Sadock VA, Ruiz PR. *Compêndio de Psiquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 11ª ed. São Paulo: Artmed; 2017
 10. Ministério da Saúde. Violência Faz Mal à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. 1º edição. Brasília. 2006. 298. [acesso 2021 Mar 07]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_faz_mal.pdf
 11. Souza, FR. Estupro marital: conjunção carnal forçada [internet]. JUS.COM.BR. [acesso 2021 dez 02]. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/73778/estupro-marital-conjuncao-carnal-forcada>.
 12. Da Silva JRT. Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. In: 18 REDOR. 2015.
 13. Barberá EL. Violência e poder na vida cotidiana do casal. In: VITALE, M. A. F. (Org). *Laços amorosos*. São Paulo: Agora; 2004.
 - 14 Instituto Maria da Penja. Ciclo da Violência [internet]. [acesso 2021 dez 03]. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html> .
- Acesso em: 3 dez. 2021
- 15 Oliveira EM, Vianna LAC. Violência conjugal na gravidez. *Rev Estud Feministas*. 1993; 1(1): 162-2
 - 16 Peixoto AF, Nobre BPR. A responsabilização da mulher vítima de estupro. *Rev Transgressões*, v. 3, n. 1, p. 227-239, 2015.
 - 17 Souto, CMRM, Braga VAB. Vivências da vida conjugal: posicionamento das mulheres. *Rev. Bras. Enferm*. 2009; 61(5): 670-74. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000500003>
 - 18 Madureira AB, et al. Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*. 2014; 18: 600-6.
 - 19 Gomes NP, Dini NMF, Araújo AJS, coelho TMF (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias de gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), 504-538.
 20. Pereira MD, De Araujo FJM, Peira, MD. Feminicídio, leis de proteção às mulheres e estratégias de enfrentamento: uma revisão da literatura. *SciELO Preprint*. Doi: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.490>
 21. Fonseca MFS, et al. O feminicídio como uma manifestação das relações de poder entre os gêneros. *JURIS*. 2018; 28(1): 49-66.

Autor de Correspondência

Gabriele Soares da Silva
Centro Universitário Planalto do Distrito Federal
Av. Pau Brasil - Lote 2. CEP: 71916-000-Águas Claras.
Brasília - Distrito Federal, Brasil.
soaressilvagabriele@gmail.com